

## Joyce, por ele mesmo

*Marcia Müller Garcez*

Em sua obra "Um retrato do artista quando jovem"<sup>1</sup>, James Joyce, escritor irlandês, nos presenteia com uma poética descrição de sua história que contempla momentos decisivos de escolhas que perpassam sua passagem da infância à juventude. Nessas escolhas, podemos perceber excessos marcados por avessos que ora apontavam uma obstinação pela religião católica - a de quase tornar-se um padre -, ora indicavam uma aversão a ela.

A obra, nascida após uma negativa recebida pelo autor quanto a publicar um ensaio para um jornal, tem a cuidadosa tradução para a versão brasileira feita por Bernardina da Silveira Pinheiro, que afirma sua satisfação em atender ao desejo de Joyce em relação às traduções de suas obras: não alterar uma única palavra. O texto se faz interessante para quem deseja ingressar no monólogo interno do artista, acompanhando esses momentos intercalados com o relato dos acontecimentos externos, no estilo joyciano que contempla uma cadência de sons e ritmos que caracterizam a "narrativa de fluxo de consciência"<sup>2</sup>.

O autor inicia seu relato encarnado no personagem Stephen Dedalus, integrando seu cenário familiar na infância e sua ida para o colégio jesuíta para meninos, a mais famosa escola católica irlandesa. Nesse primeiro tempo, podemos acompanhar a ingenuidade do menino, expressa mesmo na narrativa, em que ensaiava a relação com o Outro, observando, ouvindo e arriscando respostas. Em um pequeno diálogo, um companheiro de escola lhe pergunta, diante dos outros, se ele beija a mãe antes de dormir. Stephen confirma e o indagador ri e afirma: "ora veja, aqui está um camarada que beija a mãe toda noite antes de ir para a

cama." Stephen remenda e diz que não beija. Seu colega diz então: "ora veja, aqui está um camarada que diz que não beija sua mãe antes de ir para a cama"<sup>3</sup>. Todos riem novamente. Logo depois, acompanhamos uma reflexão interior na qual o personagem se questiona se afinal é certo beijar ou não a mãe antes de dormir. Porém, em sua singularidade e estranheza, Dedalus vai tecendo um lugar no laço social, sendo respeitado pelos companheiros ao longo de sua vida, principalmente na juventude, quando se consagra como um poeta de uma inteligência excêntrica.

As palavras que vinham do Outro marcaram a infância de Stephen e, por estar confinado em uma escola extremamente católica, adquiriram o peso da devoção que trazia, a um só tempo, culpa pelos pecados, por não atingir uma perfeição buscada até os limites, além do pavor pela punição Divina. Nas férias, quando ia para casa, encontrava um cenário polêmico acerca da religião em que o pai criticava a igreja por se intrometer na política e acabar com os heróis irlandeses, enquanto a tia protestava veementemente contra tais afirmações. O pai, porém, o colocava em instituições que iam de encontro aos seus próprios argumentos. Nosso personagem apenas escutava, mas, justamente esta contradição e polêmica se atualizam nas relações duvidosas e avessas de suas escolhas.

Percebia uma queda na qualidade de vida da família e suspeitava que dificuldades financeiras o tivessem impedido de retornar à escola. Mudou-se para a capital e experimentava uma liberdade desconhecida. Andava mais solto pelas ruas, percebia a presença das mulheres e sempre esperava por Uma que dominou sua imaginação por toda a vida.

Retornava a Mercedes e, enquanto meditava sobre sua imagem, uma inquietação estranha se insinuava furtivamente sangue adentro. Às vezes uma agitação febril se acumulava em seu íntimo e o levava a perambular de noite sozinho pela

avenida silenciosa. A paz dos jardins e as luzes generosas nas janelas derramavam uma força amena sobre seu coração inquieto. [...] Queria encontrar no mundo real a imagem quimérica que sua alma contemplava tão constantemente<sup>4</sup>.

Contudo, essa liberdade estava fadada a terminar. Seu pai, mediante alguns contatos, havia conseguido seu ingresso em outra escola jesuíta. Novas aventuras se desdobram no âmbito do discurso católico. Stephen Dedalus começa a se apresentar como um devoto digno de sua escola. Paralelamente, a família continua seu declínio financeiro, porém Stephen recebe uma bolsa de estudos e um prêmio em libras pelo ensaio literário. A partir de então, sua família volta à vida normal e o jovem não poupa esforços e nem economias, apesar das advertências de sua mãe pelo fato de ele esbanjar dinheiro. A temporada de prazer chega ao fim, "a fonte seca" e Dedalus se dá conta de como fora tolo em seus objetivos e de que retornara ao mesmo ponto de antes. Volta a perambular pelas ruas encontrando refúgio apenas na imagem de Mercedes.

Atingia-o uma premonição amena do encontro marcado pelo qual ele então ansiara e, apesar da realidade horrível que existia entre sua esperança de então e o agora, do encontro sagrado que ele então imaginara no qual fraqueza e timidez e inexperiência deviam abandoná-lo<sup>5</sup>.

Desolado, sem consolo, faz a escolha de pecar, já que o havia feito com seu descontrole financeiro. Vagara por ruas estreitas e sujas e se lançava no pecado carnal, na descoberta das mulheres e nos beijos que "pressionaram sua cabeça e seus lábios como se fossem o instrumento de uma linguagem indefinida"<sup>6</sup>.

Na sequência de pecados praticados no avesso da pregação religiosa vivida desde a infância podemos perceber a intensidade em que nosso personagem vivia suas escolhas -

tudo ou nada. Nessa ocasião, não se afligia por alguma falsidade ao se juntar aos outros quando a Congregação se reunia na capela. Chega então o momento tradicional da escola de homenagear São Francisco Xavier, patrono do colégio. O reitor, ao anunciar o retiro de homenagem, avisa que todos deverão confessar, serão dedicações e uma semana toda voltada para a devoção. "O coração de Stephen começou a dobrar sobre si mesmo e a definhando de medo como uma flor murcha"<sup>7</sup>. Se acompanharmos as palavras descritas e sentidas pelo autor, podemos supor em nós mesmos tal temor. Aqui se encontra o ponto de real na escrita joyceana. Além das palavras de um poeta, uma transmissão inexplicável de seu pavor diante dos pecados que havia escolhido e a hora da verdade, o momento de se redimir. Tais palavras atualizavam um sonho em que era enterrado e onde a missa era rezada para ele. Sentia que precisava confessar, mas que não poderia ser ali, entre os companheiros, pois julgava seus pecados como os mais abomináveis. De um lado, a promessa da "boa morte" aos fiéis; do outro, "amigo é arrancado de amigo, filhos são arrancados dos pais, maridos das mulheres" e ainda "os justos se afastam das desgraçadas almas amaldiçoadas que agora aparecem diante dos olhos de todos com todo seu caráter hediondo e maligno"<sup>8</sup>. São páginas e páginas dedicadas à descrição do inferno vivido durante essa experiência por nosso personagem:

Havia criaturas no campo: uma, três, seis; criaturas se moviam no campo; [...] criaturas libidinosas, de chifres, com rostos humanos, com barbas ralas e cinzentas como borrachas. [...] Moviam-se em círculos lentos, rodando cada vez mais perto para cercar, cercar, cercar, uma linguagem suave brotando de seus lábios, suas longas caudas chicoteantes lambuzadas de excremento rançoso, projetando para cima seus rostos terrificantes... socorro! Ele atirou furiosamente as cobertas para longe de si a fim de libertar seu rosto e seu pescoço. Aquele era o seu inferno<sup>9</sup>.

Dedalus procura outra igreja, outro padre e se confessa. Sente o perdão como uma libertação, uma chance de remissão. Torna-se, então, na intensidade que sublinhamos anteriormente, o mais fiel dos fiéis. Sua vida diária era repleta de orações e devoção caridosa. Essa condição lhe confortava, não sentia a tentação de pecar mortalmente. Quando sentia, era recoberto pela satisfação da escolha de não desfazer tudo. Sua dedicação era tanta que refletia como vocação, a ponto de ser convidado a "ingressar na ordem". O chamado o encheu de orgulho, pois, nas palavras proferidas pelo padre, tratava-se da "maior honra que Deus Todo-Poderoso pode conferir a um homem"<sup>10</sup>. Apesar da descrição de ter ficado maravilhado, tentado a aceitar e até já ter se imaginado padre, percebemos sua resposta na forma atemporal em que o autor redige seu escrito. Nós o descobrimos indo para a universidade. Relata apenas uma vaga reflexão de que "nunca como padre ele balançaria o turíbulo diante do tabernáculo. Seu destino era o de ser esquivo às ordens sociais e religiosas"<sup>11</sup>, mesmo depois de tamanho deslumbre pela convocação. Sua mãe demonstrou desgosto pela ida para a universidade. Talvez por pressentir um marco que finda tal escolha, na qual "ele se deu conta vagamente e sem pesar de uma primeira separação silenciosa de suas vidas"<sup>12</sup>. A partir daí, temos outro Stephen Dedalus, decidido, poeta, embora ainda estranho e solitário como lembravam seus novos companheiros. Como leitores e também pelo que ressalta a tradutora, há um amadurecimento visível na própria escrita. Tal observação nos leva a pensar o quanto James Joyce vive o momento de forma atemporal, registrando, por meio da escrita, o real enquanto presente.

Um evento marcante é redigido logo após o ingresso na universidade, acompanhado de uma sensação indescritível de libertação. Em "um dia de nuvens marítimas malhadas", no

mar, Dedalus descreve as algas, a cor escura da água, o sentimento que vive e, de repente, a visão de *A Mulher*. Seria Madalena? Passou a ser. Observaram-se, por um tempo, havia uma alga em suas pernas compridas, como uma mancha. Saiu correndo e dormiu na areia com a alma liberta. Por vezes a via na universidade e chegaram a trocar palavras, pois ela ouvira falar de suas ideias. Mas, como dito antes, fraqueza e timidez o abandonavam.

Desenvolvia uma teoria da estética apoiado em Aquino e outros filósofos. Descrevia a beleza ressaltando que ela varia de acordo com cada um, ou seja, levava em conta a singularidade, mesmo desmembrando-a em estágios e teorias. Era considerado por sua inteligência, por se opor a maioria destemidamente, embora andasse em farrapos, tivesse piolhos e fosse considerado sempre sozinho, justamente por se opor a tudo, e, às vezes, até mesmo a movimentos partilhados pelos colegas.

Seus desacordos com sua mãe se intensificavam enquanto suas ideias e sua vida acadêmica o tornavam mais maduro. Ela desejava que ele cumprisse seu dever pascoal. Um amigo, Cranly, com quem desabafou, ao fim do relato o aconselhou a fazê-lo, mesmo sem crença, mas, por ela. Ele, então, quase parece confessar, sob pressão, sua grande dúvida e o medo que mantém. Ele fizera uma escolha, mas jamais praticaria um ato religioso falso, desafiando a Deus, pois ainda temia tudo aquilo que viveu e como seria seu fim. Apenas escolhera a liberdade e seguiria com o que nomeou como "exílio, silêncio e astúcia".

Chamamos o presente artigo de "Joyce, por ele mesmo", pois o relato retrata sua própria história e, assim, torna-se fundamental para quem quiser ingressar na mente instigante de James Joyce. Aqui, ele marca sua escolha de não ser um padre e sim um poeta e um escritor. Aqui, ele faz sua primeira separação silenciosa de sua mãe.

Não pretendemos colocar nessa história a verdade sobre as crenças de Joyce. Pelo contrário, talvez esta seja a mais clara e concisa, pois, ao longo de sua vasta obra, temos muito a percorrer. Lacan (2007 [1975-76]) assinala o quanto esse autor nos deixou em seus escritos, entre eles, alguns até ilegíveis, e se pergunta: afinal, em que Joyce acreditava? Ao concluir a obra que abordamos aqui, Lacan menciona a conversa entre Dedalus e seu amigo, Cranly, a fim de tentar responder quanto ao fato de ele ter perdido ou não a fé.

Joyce se detém, não ousa dizer em que está engajado. Cranly incita-o, pressiona-o, chega a importuná-lo para saber se ele vai dar sequência ao fato de ter dito haver perdido a fé. [...] De modo manifesto, ele não dá o passo de afirmar que não crê mais nisso. Diante de que ele recua?<sup>13</sup>.

É a partir de Joyce - e podemos dizer de sua escolha pela arte e pela liberdade - que Lacan dá forma à teoria dos nós marcando, assim, ser possível reparar o simbólico quando esse se solta, mediante o *sinthoma*. Nesse sentido, para Lacan, "trata-se de alguma coisa que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuarem juntos, ainda que, devido a dois erros, nenhum mais segure o outro"<sup>14</sup>. O autor ainda enfatiza Joyce como o que repara o erro, ao fazer a compensação da "carência" paterna.

Ora, o que estamos tentando articular aqui, com os subsídios da psicanálise lacaniana e recorrendo ao escritor que abordamos, passa pela escolha de Joyce marcada na obra "Um retrato do artista quando jovem". Independentemente de ele não nos deixar respostas específicas sobre ter abandonado ou não sua crença, ele faz uma escolha pela arte e, dessa forma, consagra-se, mundialmente. E, ao se referir a Joyce como "o *sinthoma*", afirma Lacan: "mas é claro que a arte de Joyce é alguma coisa de tão particular que o termo *sinthoma* é de fato o que lhe convém"<sup>15</sup>.

---

<sup>1</sup> JOYCE, J. (2006). *Um retrato do artista quando jovem*. Rio de Janeiro: Objetiva.

<sup>2</sup> A obra é considerada um dos primeiros exemplos dessa técnica de narrativa.

<sup>3</sup> JOYCE, J. (2006). *Op. cit.*, p. 22.

<sup>4</sup> Idem. *Ibid*, p. 75.

<sup>5</sup> Idem. *Ibid*, p. 109.

<sup>6</sup> Idem. *Ibid*, p. 111.

<sup>7</sup> Idem. *Ibid*, p. 118.

<sup>8</sup> Idem. *Ibid*, p. 125.

<sup>9</sup> Idem. *Ibid*, p. 148-149.

<sup>10</sup> Idem. *Ibid*, p. 169.

<sup>11</sup> Idem. *Ibid*, p. 173.

<sup>12</sup> Idem. *Ibid*, p. 176.

<sup>13</sup> LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, p. 77.

<sup>14</sup> Idem. *Ibid*, p. 91.

<sup>15</sup> Idem. *Ibidem*.